



Revista *aSEPHallus* de Orientação Lacaniana  
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo  
ISSN 1809 - 709 X

## **As manifestações do amor cortês em tempos de relacionamento virtual**

### **Nádia Laguárdia de Lima**

Psicóloga pela Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Minas Gerais, Brasil)  
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Minas Gerais, Brasil)  
Pós-doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil) (Bolsista CAPES)  
Professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Minas Gerais, Brasil)  
Coordenadora do Laboratório de Psicologia e Educação do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Minas Gerais, Brasil) e da Pesquisa "Adolescência e contemporaneidade: a construção do feminino nas redes sociais da internet"  
E-mail: [nadia.laguardia@gmail.com](mailto:nadia.laguardia@gmail.com)

### **Ernesto Anzalone**

Psicólogo pela Universidad de la Republica Oriental del Uruguay / UdelaR (Montevideu, Uruguai)  
Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (Minas Gerais, Brasil)  
Doutorando em Psicologia/Estudos Psicanalíticos pela Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Minas Gerais, Brasil)  
Professor bolsista do programa CAPES/REUNI na FAE/UFMG (Minas Gerais, Brasil)  
Integrante do Grupo Lacaniano Montevideo (Montevideu, Uruguai)  
E-mail: [eanzalone@gmail.com](mailto:eanzalone@gmail.com)

### **Everton Fernandes Cordeiro**

Psicólogo pelo Centro Universitário do Leste de Minas Gerais / Unileste (Minas Gerais, Brasil)  
Mestrando em Psicologia/Estudos Psicanalíticos pela Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Minas Gerais, Brasil)  
Psicólogo do Centro de Referência em Saúde Mental / CERSAM – Pampulha (Minas Gerais, Brasil)  
E-mail: [evertonf.cordeiro84@gmail.com](mailto:evertonf.cordeiro84@gmail.com)

### **Juliana Tassara Berni**

Psicóloga pela Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Minas Gerais, Brasil)  
Mestranda em psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Minas Gerais, Brasil)  
Membro do Laboratório de Psicologia e Educação do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Minas Gerais, Brasil)  
E-mail: [jutassara@hotmail.com](mailto:jutassara@hotmail.com)

### **Karina de Almeida Casula**

Psicóloga pela Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Minas Gerais, Brasil)  
E-mail: [karinacasula@hotmail.com](mailto:karinacasula@hotmail.com)

### **Mirella Carolina César Nunes**

Psicóloga pela Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Minas Gerais, Brasil)  
Monitora do Laboratório de Psicologia e Educação (LAPE) da Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Minas Gerais, Brasil)  
E-mail: [mirabellaferraz@gmail.com](mailto:mirabellaferraz@gmail.com)

### **Resumo**

O artigo apresenta uma reflexão sobre os escritos de amor produzidos por adolescentes nas redes sociais da internet, interrogando se eles seriam a nova versão do amor cortês na contemporaneidade. Para fazer essa discussão, busca-se compreender a função do amor no despertar da adolescência. Em seguida, faz uma retrospectiva histórica sobre o surgimento do amor cortês na cultura e analisa sua função subjetiva, a partir das elaborações de Lacan sobre o tema. Finalmente, apresenta uma reflexão sobre as incidências do discurso capitalista sobre o amor. Em conclusão afirma que é possível identificar, nos escritos de adolescentes, algumas características do amor cortês na atualidade. Nos três registros do amor – simbólico, imaginário e real – são identificadas diferentes funções dos escritos de amor cortês para os adolescentes.

*Palavras-chave:* psicanálise, adolescência, amor cortês, contemporaneidade.

---

### **Les manifestations de l'amour courtois au temps des relations virtuelles**

Ce travail présente une réflexion sur les écrits d'amour produits par les adolescents dans les réseaux sociaux internet, en s'interrogeant si ils seraient la nouvelle version d'amour courtois dans le contemporain. Pour rentrer dans cette discussion on cherche a comprendre la fonction de l'amour à l'aube de l'adolescence. Ensuite, une retrospectiva historique sur l'apparition de l'amour courtois dans la culture et une analyse de sa fonction subjective en partant des formulations de Lacan sur cette question. Une réflexion sur les incidences du discours du capitalisme sur l'amour. En conclusion, il est possible d'identifier, dans les écrits des adolescents, quelques caractéristiques de l'amour courtois dans l'actualité. Dans les trois registres de l'amour – symbolique, imaginaire, réel - sont identifiées de différentes fonctions des écrits d'amour courtois pour les adolescents.

*Mots-clés:* psychanalyse, adolescence, amour courtois, age contemporain.

---

### **The courtly love manifestations in times of virtual relationship**

In this article we present a reflection on the love writings of teenagers in the internet social networks, asking if they would be the new version of courtly love in contemporaneity. In order to engage in this discussion, we seek to understand the role of love in the awakening of adolescence. Then we locate historically the emergence of courtly love in the culture and we analyze its subjective function, from Lacan's elaborations about the theme. Finally, we present a reflection about the incidences of capitalist discourse on love. We conclude that it is possible to identify, in the present, in the writings of teenagers, some characteristics of courtly love. The three aspects of love, the symbolic, the imaginary and the real, indicate the different functions of courtly love writings for the adolescents.

*Keywords:* psychoanalysis, adolescence, courtly love, contemporaneity.

---

## **As manifestações do amor cortês em tempos de relacionamento virtual<sup>1</sup>**

*Nádia Laguárdia de Lima, Ernesto Anzalone, Everton Fernandes Cordeiro, Juliana Tassara Berni, Karina de Almeida Casula, Mirella Carolina César Nunes*

### **Introdução**

A leitura dos escritos de algumas adolescentes sobre feminilidade nas redes sociais da internet<sup>1</sup> nos mostrou a intensidade com que o tema do amor é abordado pelas jovens. Surgiu, então, o nosso interesse em investigar o que as adolescentes escrevem sobre o amor, quais as características do amor na atualidade, se os escritos de amor nas redes sociais da internet seriam uma nova forma de amor cortês na atualidade ou se, ao contrário, contrapor-se-iam a este.

Considerando a adolescência como o tempo do reencontro com o real do sexo, buscamos analisar a função do amor para os sujeitos adolescentes. O discurso capitalista tem efeitos sobre os sujeitos, sobre o desejo e o gozo, incidindo sobre o amor. O amor na atualidade entra na lógica do mercado (Bauman, 2004) e se apresenta como fluido, instável, feito de conexões e desconexões. Constatamos, no entanto, que a fluidez dos laços amorosos convive com a idealização do amor, com a esperança de se encontrar o amor complementar que obture a falta a ser. Na adolescência, tempo lógico do confronto com a inexistência da relação sexual, o amor é uma tentativa de escrever a relação sexual, de fazê-la existir, como nos adverte Lacan (1972-1973). Tendo em vista a abordagem do amor a partir dos três registros da realidade psíquica – real, simbólico e imaginário (RSI) –, consideramos que os escritos de amor nas redes sociais apontam para a dimensão imaginária do amor, como uma tentativa de fazer *Um*. Mas, a escrita poética de amor lançada no espaço virtual pode se constituir como uma forma de sustentação do desejo ao manter inalcançável o parceiro amado. Em sua dimensão de letra, ela pode ser ainda uma via de tratamento do gozo que escapa ao sentido, com o qual o sujeito é confrontado no despertar da puberdade.

### **O amor na adolescência**

A adolescência não é um termo propriamente psicanalítico, mas uma construção social, pois o reconhecimento de um período particular da vida localizado entre a infância e a idade adulta é um fato recente na história (Stevens, 2004). Freud usa a palavra puberdade para descrever o período da transição do corpo infante para o corpo adulto. Em sua perspectiva proposta em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), a adolescência é um período transicional, de mudanças, “destinadas a dar à vida sexual infantil sua forma final normal” (Freud, 1905, p. 213), ou seja, a transformação da via autoerótica de satisfação à genitalidade.

As transformações fisiológicas da puberdade têm efeitos psíquicos. A realidade psíquica se constitui a partir da articulação dos três registros: real, simbólico e imaginário. O despertar “do real” do sexo, na puberdade, tem efeitos sobre os outros dois registros da realidade psíquica. Na dimensão imaginária, as transformações fisiológicas da puberdade levam à desconstrução da

imagem corporal construída na infância e à exigência de sua reconstrução. Na dimensão simbólica, o adolescente percebe as modificações do seu corpo como algo incontrolável, desgovernado, inexprimível em palavras (Lacadée, 2011). A irrupção de um excedente pulsional que escapa ao sentido, desperta, pois, angústia nos jovens.

O sujeito adolescente percebe que aquilo que ele situava no lugar do Outro, como uma garantia de segurança e proteção, não consegue dar um sentido ao que ele vivencia no corpo, o que se traduz, em termos lacanianos, como a constatação da impossibilidade simbólica em significar o gozo que irrompe na puberdade. O adolescente experimenta no corpo e no pensamento um gozo aberto a todos os sentidos. Esse sentimento de estar à parte, diante do fracasso em encontrar algo que possa nomear esse real, Lacadée (2011) chama de exílio.

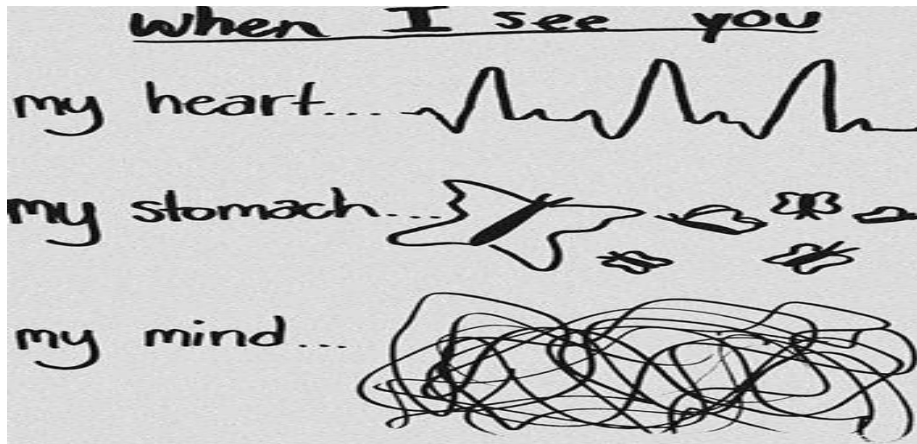
A puberdade acarreta a decepção em relação à promessa infantil. Freud (1905) destaca que o adolescente deve separar-se da autoridade dos pais. O rapaz constata que o pai não lhe deu os recursos suficientes para lidar com esse gozo que transborda, e que ele mesmo não os possui, o que o leva a revoltar-se contra este. Para as moças, a decepção será vivida como uma privação, uma verdadeira catástrofe subjetiva (Sarué, 1994). Assim, a adolescência pode ser compreendida como um longo período de elaboração da falta no Outro (Alberti, 2004).

Esse movimento de separação dá lugar a uma procura por novas identificações que "orientem" seu novo modo de operar. Nesse sentido, as relações fora do ambiente familiar, como o grupo de amigos, são fortalecidas. O convívio com pessoas da mesma idade pressupõe que o sofrimento e a angústia causados por esse período conturbado da adolescência possam ser compartilhados, ocorrendo um processo de identificação com o grupo como uma tentativa de solução para tal impasse. No entanto, as identificações são insuficientes para domar todo o gozo que desperta na puberdade. O aumento das excitações sexuais decorrentes dessa fase da vida precipita uma reiteração do desamparo fundamental – *Hilfflosigkeit* – e aponta para uma impossibilidade de simbolização diante do encontro com o real do sexo (Sarué, 1994).

O adolescente se depara com o outro sexo, com a diferença radical. Ele é despertado por um gozo além do fálico, o gozo feminino. O feminino é nome do impossível de simbolizar. O sujeito adolescente é convocado a situar-se na partilha dos sexos, como homem ou mulher. Para a psicanálise, não existem dois gêneros, masculino e feminino, mas duas modalidades de gozo. No lado masculino, o sujeito é todo inscrito, regulado pela lógica fálica. No lado feminino, o sujeito é não-todo submetido à lógica fálica. Assim, a mulher, diferentemente do homem, possui uma forma de gozo que não é toda regulada pelo falo. Não há complementariedade entre os sexos, pois as duas modalidades de gozo não se complementam. O sintoma é a maneira que um sujeito, homem ou mulher, vai encontrar para se ligar a um parceiro. O termo parceiro-sintoma é uma nova definição do grande Outro. É o grande Outro definido como meio de gozo (Miller, 1998).

Para Miller (1998), o parceiro-sintoma do homem é o objeto *a*, sob a forma de fetiche, e o parceiro-sintoma da mulher é o A barrado ( $\bar{A}$ ), um Outro a quem falta alguma coisa e que tem forma erotomaníaca. Existem, pois duas formas de amor, a masculina e a feminina. O homem

busca na mulher o objeto *a* de sua fantasia. A mulher demanda o amor do homem. No entanto, a demanda de amor dirigida ao parceiro possui um caráter absoluto, uma visada ao infinito, que desnuda sua forma erotomaniaca (Miller, 1998). A mulher demanda que o Outro lhe ame. O amor se manifesta do lado feminino como sendo um "amor louco", sem limites, desgovernado, como descreve a adolescente em seu *blog*:



As mulheres têm por parceiro o ( $\bar{A}$ ), esse Outro ao qual falta alguma coisa. Assim, a mulher pede que o homem lhe dê sua "falta-a-ser" e esse pedido não tem fim, a sua demanda de amor é infinita. Se amar é dar o que não se tem, é preciso que o parceiro seja aquele ao qual falta alguma coisa, e que essa falta lhe faça falar, falar que a ama, sempre mais e mais...

O amor, na sua forma erotomaniaca, demanda uma identificação relativa ao ser. A falta do significante fálico no campo feminino leva à demanda de um significante do campo do Outro, que possa nomear e circunscrever o campo de gozo do sujeito. Uma adolescente escreve em seu *blog*: "Se me ama de verdade, por que não me diz?".

No entanto, todo adolescente, homem ou mulher, é confrontado com a ausência de um saber sobre o que fazer diante do outro sexo. No lugar do furo no saber, o sujeito pode colocar o amor impossível. Na puberdade, o ato sexual pode ser mantido à distância, através da estratégia de se colocar um obstáculo ao encontro sexual. Estratégia esta, que pode ser criada pelo homem ou pela mulher. O obstáculo, ao mesmo tempo em que promove o valor do objeto, sustenta a ilusão de que a relação sexual se inscreveria na ausência do objeto.

### As dimensões do amor cortês

*Ai eu! tanto cuidava saber  
de amor e tão pouco sei!  
Pois eu de amar não me posso conter  
aquela cujo favor nunca terei.  
Tem o meu coração e tem-me todo a mim,  
e a si própria e ao mundo inteiro!  
E quando me tomou nada mais me deixou  
senão desejo e coração voraz.*

(Bernart de Ventadorn)

O amor cortês é o tema de um gênero lírico denominado canção de amor que surgiu por volta do século XII, na idade média, na região do sul da França. Em Portugal e na Galícia, no século XIII, esse gênero foi retomado dando origem às poesias de cantigas de amor. O amor cortês das cantigas de amor apresenta algumas características fundamentais. No amor cortês, o amor não pode ser correspondido, sendo o objeto amado, no caso, a Dama, inacessível, e o amor, impossível. O poeta das cantigas de amor é um servo da amada e deve se colocar a serviço desse amor, sendo capaz de sofrer e até morrer de amor. Além disso, a relação entre amante e amada é marcada pela humildade, fidelidade e segredo de modo que a identidade da amada não deve ser revelada (Ferreira, 2004).

O amor-cortês envolve uma projeção narcísica. O objeto de amor é idealizado, assim como o amor. Essa vertente imaginária do amor-paixão sustenta a ilusão da complementariedade entre os sexos. Mas Lacan também reconhece uma dimensão simbólica no amor-cortês ao colocar a falta no centro da experiência amorosa. Em *O seminário, livro 4: a relação de objeto*, Lacan (1956-1957), ao referir-se à jovem homossexual, descreve o surgimento do amor cortês no despertar da puberdade. Segundo o autor, inicialmente a jovem demonstrava estar bem orientada no sentido socialmente esperado, com a vocação típica da mulher, ou seja, a da maternidade: "No momento da puberdade, ali pelos treze ou quatorze anos, essa mocinha valoriza um objeto que é uma criança de quem cuida e a quem está ligada por laços de afeição" (Lacan, 1956-1957, p. 123). Mas, de repente, ocorre uma espécie de inversão, que a leva a interessar-se por objetos de amor marcados pelo signo da feminilidade. E ela vai ser levada, finalmente, a uma paixão "devoradora" por uma dama, num estilo de amor propriamente masculino: "Essa dama, ela vai tratá-la, com efeito, num estilo altamente elaborado de relações cavalheirescas e propriamente masculinas, com uma paixão oferecida sem exigência, desejo, nem mesmo esperança de retribuição, com o caráter de um dom..." (Lacan, 1956-1957, p. 123). Lacan comenta que o amante se projeta para além mesmo de toda manifestação da amada, numa das formas mais características da relação amorosa mais elevada. E acrescenta que essa necessidade de situar o eixo do amor, não no objeto, mas naquilo que o objeto não tem, está no centro da relação amorosa.

Assim, Lacan descreve o amor cortês como um amor platônico, que não visa a sua satisfação: "Este é um amor que não demanda qualquer satisfação além do serviço à dama" (1956-1957, p. 109). O amor cortês é o amor sagrado, no que tem de mais devotado. "É a exaltação que está no fundo da relação" (Lacan, 1956-1957, p. 109). É um amor que, em si, não apenas dispensa a satisfação, mas visa, muito precisamente, a não-satisfação (Lacan, 1956-1957, p. 109). Lacan situa, pois, a falta no coração da experiência amorosa. O amor ideal se expande graças à instituição da falta na relação com o objeto. O que é desejado está para além da mulher amada. O amor que a jovem dedica à dama visa algo que é diferente desta. Este amor vive simplesmente do devotamento. Lacan situa este amor no registro da experiência masculina (Lacan,

1956-1957, p. 111). O que é desejado na mulher amada está para além dela mesma: "No extremo do amor, no amor mais idealizado, o que é buscado na mulher é o que falta a ela" (Lacan, 1956-1957, p. 111). Assim, se apresenta o paradoxo do amor cortês: o que falta ao amante é justamente o que o amado não tem. O trovador ama a Dama sabendo que nunca será amado por ela. Trata-se de um amor que se dirige a algo que está além do objeto, à Dama que, por sua vez, se oferece para ser amada e não para suprimir a falta que promove o desejo. Podemos dizer que o amor cortês, ao instaurar a falta no centro de sua experiência, sustenta o desejo.

Em *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, Lacan (1959-1960) faz uso do conceito de amor cortês, tal como ele é concebido no século XII, ou seja, como uma idealização do amor, o amor sem correspondência, em que a mulher permanece inacessível, na ordem da privação. Na Idade Média, a mulher era subjugada pelo homem e reduzida à função fálica da maternidade. Na arte do trovadorismo, a mulher, nomeada de Dama, torna-se suserana e o homem seu vassalo. No entanto, para que o trovador se converta em amador, precisa passar por três estágios: Aspirante, que se consome em suspiros; Suplicante, aquele que ousa pedir; e, finalmente, Amante. Ainda nesse seminário, Lacan aproxima esses três estágios do trovadorismo às técnicas de retenção, de suspensão e de amor *interruptus*, comparando-os aos prazeres preliminares.

As regras do amor cortês conduzem a uma inibição da sexualidade e a construção de uma representação da mulher como indecifrável e inacessível. A essa representação do feminino, Lacan compara uma técnica de pintura, usada nos séculos XVI e XVII chamada anamorfose, na qual a imagem só pode ser vista de um determinado ângulo, caso contrário, a imagem aparecerá distorcida ou sem sentido. Um exemplo é o quadro *Os embaixadores*, de Holbein, no qual, dependendo do ângulo, pode-se ver um crânio, inserindo a morte, ou seja, algo que aponta para o real.

Em *O seminário, livro 8: a transferência*, Lacan (1960-1961) retoma o amor grego para analisar as relações entre o amante (*érastês*) e o amado (*érômenos*). O amante se situa na posição de sujeito do desejo, que se oferece ao serviço da Dama, colocada na posição de objeto do desejo: "É na medida em que a função do *érastês*, do amante, na medida em que ele é o sujeito da falta, vem no lugar, substitui a função do *érômenos*, o objeto amado, que se produz a significação do amor" (Lacan, 1960-1961, p. 47).

No amor cortês, o objeto amado só pode aparecer sob a forma de privação, já que é na falta que se inscreve a relação do sujeito com o objeto. A Dama, é para o amante o símbolo do objeto de desejo, ou seja, o falo. Assim, ao encarnar o objeto, encarna a própria ausência.

O conceito de *objeto a*, desenvolvido por Lacan nos anos 60, permite compreender o que está no cerne da experiência amorosa. Situado no Outro, como um traço que o amante atribui ao amado, o objeto *a* é o que enlaça os amantes. Para Lacan, o objeto *a* é o pivô, a chave do desejo humano (1960-1961). Mas, o encontro amoroso não é complementar, pois cada um busca no outro o objeto de sua própria fantasia. Assim, não há complementariedade entre os sexos.

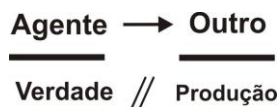
Em *O seminário, livro 20: mais, ainda*, Lacan (1972-1973) afirma que o amor cortês é uma

forma de dar conta da impossibilidade da relação sexual. Segundo o autor: "o amor cortês é uma maneira inteiramente refinada de suprir a ausência de relação sexual, fingindo que somos nós que lhe pomos obstáculo" (Lacan, 1972-1973, p. 94). Nesta perspectiva, o amor cortês pode ser considerado como uma suplência à inexistência da relação sexual. Interrogamos, entretanto, se o amor cortês ainda se faz presente na atualidade.

### O discurso capitalista e seus efeitos sobre o amor

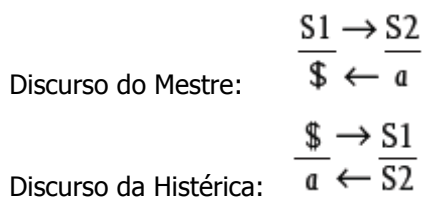
Para analisarmos o amor na contemporaneidade, faremos uma reflexão sobre o discurso capitalista e os seus efeitos sobre os sujeitos. Lacan analisa os laços sociais a partir de quatro discursos que ele designa como o do mestre, da histérica, da universidade e do analista. Posteriormente, ele inclui um quinto discurso, o do capitalista.

Em *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*, Lacan (1969-1970) afirma que todo discurso é discurso de dominação. Uma certa ação é exercida pelo agente do discurso sobre aquele a quem se dirige a palavra, o Outro. O discurso funda um poder na medida em que supõe o uso da palavra e algo é produzido. Como efeito dessa relação, temos a produção, mas, quando alguém dirige a palavra a alguém, a verdade é a dimensão oculta, que escapa à captura do dito. A verdade é irreduzível ao dito. O sujeito que fala não detém a verdade daquilo que diz. Lacan estabelece, portanto, quatro lugares (agente, verdade, Outro, produção)<sup>2</sup>:



(Fonte: Lacan, 1970/2003, p. 447)

O lugar do agente é o lugar do "dominante". Na teoria dos discursos, cada discurso apresenta um elemento diferente no lugar dominante. Esse elemento, no lugar de agente, domina o laço social. O lugar da verdade, escamoteado pela barra, é o que sustenta a verdade do discurso. O lugar do Outro é o lugar do dominado, daquilo que se pretende dominar. O lugar da produção refere-se ao que o outro de cada laço social deve produzir. Os termos que ocuparão estes lugares, ou seja, as funções em relação às quais se situa o sujeito que fala, são quatro: o significante inaugural ( $S_1$ ), o saber ( $S_2$ ), o sujeito ( $\$$ ), o objeto ( $a$ ). Os discursos vão se constituindo por um quarto de volta a partir do discurso do mestre, girando no sentido horário:





$$\text{Discurso Universitário: } \frac{S_2 \rightarrow a}{S_1 \leftarrow \$}$$

$$\text{Discurso do Analista: } \frac{a \rightarrow \$}{S_2 \leftarrow S_1}$$

(Fonte: Lacan, 1970/2003, p. 447)

O discurso do mestre é o discurso, por excelência, da dominação. Aqui, o dominante é a lei que encarna o mestre. Este leva o outro a produzir para ele objetos de gozo. No discurso do mestre, o governo parece se instaurar a partir de leis, projetos ou programas ( $S_1$ ), mas, na verdade, o que está escamoteado é que existem sempre sujeitos (\$) sustentando esse governar.

A figura do mestre, entendida pela psicanálise como aquela que possui uma autoridade inquestionável, sustentada pelo saber, sofreu um declínio com a chegada da ciência moderna, que impôs o desaparecimento progressivo do princípio de exceção em que se apoiava o mestre. A ciência moderna não visa ao conhecimento, mas enumera os fatos. Partindo de uma disjunção entre o sentido e o real, o saber da ciência moderna não é o do registro da comunicação, mas de um saber que não cessa de se escrever. Uma escrita que, contudo, não faz sentido. A acumulação de fatos não traz um novo sentido, mas se converte em um fim em si mesmo, um fim de evocação universal que esvazia o particular. Essa incidência da ciência moderna no discurso do mestre gerou uma mudança nele.

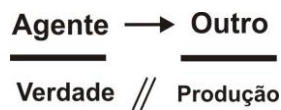
Na contemporaneidade, o discurso do mestre já não é mais o do mestre antigo. O discurso capitalista tem ocupado esse lugar. Introduzido por Lacan em uma conferência realizada em Milão em 1972, ele se apresenta como um discurso diferente dos outros quatro anteriores, pois, em sua estrutura, não tem uma disjunção entre o lugar da "verdade" e o da "produção". Não há uma fenda:

$$\begin{array}{ccc} & \$ & S_2 \\ \downarrow & \swarrow \times \searrow & \downarrow \\ \frac{\$}{S_1} & & \frac{S_2}{a} \end{array}$$

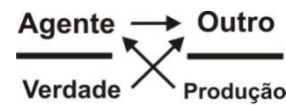
(Fonte: Lacan, 1972, p. 40)

Podemos observar duas mudanças importantes nesse discurso. A primeira tem a ver com a forma como ele se movimenta. Nos primeiros quatro discursos a verdade fica isolada, o lugar da verdade causa, mas não retorna a ele. Não existe uma circularidade completa, pois, como toda forma de gozo, ela implica uma perda, sendo impossível regressar a esse ponto do início, no qual estaria um suposto gozo pleno:

### QUATRO DISCURSOS



### DISCURSO CAPITALISTA



(Fonte: Lacan, 1972, p. 40)

No modelo que nos propõe o discurso capitalista, o circuito é contínuo. Nele não existe perda de gozo. O ciclo se sustenta na contínua e infinita produção de objetos. Não se trata de objetos causa de desejo, mas objetos possíveis de serem consumidos. Nesse sentido, tomaremos o que diz Gonçalves (2000): "Para o mercado não há objeto perdido, há objeto a ser produzido e consumido" (Gonçalves, 2000, p. 77). O que importa não é a falta do sujeito, mas a sua demanda como consumidor, uma demanda constantemente respondida com coisas e não com significantes. O objeto se impõe ao sujeito:  $\$ \leftarrow a$ . Com a perda da função orientadora do  $S_1$ , o sujeito é menos consumidor que consumido. Ele é um sujeito "sem referência", pois, sem a baliza da identificação, seu navegar sem bússola nos desvarios do gozo só poderá se deter diante do último objeto produzido pela ciência. Efetivamente, o saber científico é subordinado às exigências do mercado, que preenche a subjetividade com uma montanha de *gadgets*. Fora de toda regulação, o direito ao gozo se tornou um dever de gozar, um imperativo marcado pelo  $S_1$  no lugar da verdade, que produz sujeitos fora do discurso e que pouco ou nada sabem do laço social.

Na posição de agente do discurso, em vez do mestre/senhor clássico, temos o  $\$$ , o sujeito que expressa a liberdade de consumo, o "pode se fazer tudo". A liberdade que, como nos observa Miller (2005), expressa o que um dos primeiros teóricos da economia capitalista, Adam Smith (1759), descreveu em sua metáfora da "mão invisível". Essa "mão", expressa a capacidade do sistema liberal de autorregular o livre mercado. Ela está conformada pela conjunção do interesse pessoal de cada indivíduo, expressa por meio da competência, da oferta e da demanda, mecanismos que poderiam ser capazes de, por si só, atribuir com eficiência e equidade tanto os recursos como o produto da atividade econômica. O  $\$$  tem a "liberdade" de escolher qualquer objeto e essa liberdade constitui, em si mesmo, certo controle do mercado. O  $S_1$  no lugar da verdade no discurso, nos mostra a opacidade contida nela, fruto dessa regulação invisível. Existe, ainda que oculta, uma regulação no lugar da verdade, consequência do próprio consumo. A troca entre o  $\$$  e o  $S_1$  tem, segundo Schejtman (2006), consequências na emancipação do sujeito das determinações inconscientes. Dada a consonância existente entre o discurso do mestre e o inconsciente, nos deparamos atualmente com uma série de sintomas que mostram uma rejeição do inconsciente e se apresentam como impermeáveis ao discurso analítico.

Quais os efeitos do discurso capitalista sobre o amor? O discurso capitalista leva à extinção da falta-a-ser e, conseqüentemente, ao rechaço do amor. Ao preencher a falta subjetiva com o objeto de consumo, o discurso capitalista visa tamponar o desejo. Ao reduzir os vínculos humanos a simples relações monetárias, a burguesia rasgou o véu do sentimentalismo, como salienta

*Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 9(18), 17-35. Rio de Janeiro, mai. a out. 2014.

Teixeira (2011). Segundo o autor, a ascensão moderna do capitalismo enquanto modo de organização política se mostra estruturalmente avessa à dimensão amorosa, pois foralhei a castração. Como consequência, o amor se apresenta no contexto dos relacionamentos de bolso, da liquidez dos laços, do fazer-se e desfazer-se das redes de conexão. Para fazer essa reflexão, discutiremos as características do amor líquido na época atual, segundo o sociólogo Bauman (2004).

### **O amor na sociedade dos “relacionamentos de bolso”**

Fazendo referência a Ulrich, o homem sem qualidades do romance homônimo de Robert Musil (2006) – que, não possuindo qualidades próprias tinha de produzir quaisquer qualidades por si mesmo usando seus atributos de perspicácia e sagacidade – , embora nenhuma de suas qualidades fosse dotada de consistência suficiente que permitisse sustentá-la por muito tempo, em um mundo que se encontrava “repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível” (Bauman, 2004, p. 7) – , Bauman comenta que este personagem é o representante fiel do cidadão contemporâneo, mergulhado na moderna sociedade líquida. De fato, para esse autor, os sucessores de Ulrich são obrigados a amarrarem-se uns aos outros por meio de esforços próprios e com laços que podem ser desfeitos. Os homens e as mulheres da líquida sociedade moderna, enquanto encontrarem-se desligados, precisam conectar-se.

Nenhuma das conexões que venham a preencher a lacuna deixada pelos vínculos ausentes ou obsoletos tem, contudo, a garantia da permanência. De qualquer modo, eles só precisam ser frouxamente atados, para que possam ser outra vez desfeitos, sem grandes delongas, quando os cenários mudarem — o que, na modernidade líquida, decerto ocorrerá repetidas vezes. (Bauman, 2004, p. 7)

Uma vez que os laços sociais se mostram fragilizados e, por isso, de fácil descarte, os homens e as mulheres anseiam por um relacionamento seguro. Este, no entanto, permanece assombrado pela desconfiança, pelo medo de ligações permanentes e duradouras que ele possa proporcionar e que, por consequência, possam implicar fardos que os sujeitos não podem ou não se dispõem a carregar. Assim, qualquer relação construída dentro desta lógica se torna contraditória e de risco, uma vez que, ao mesmo tempo em que se necessita desesperadamente de um relacionamento, os envolvidos não desejam encargos para si, nem responsabilidades que sejam difíceis de suportar. É a este momento de construção contemporânea de laços sociais frouxos que Bauman (2004) nos chama a atenção para o caráter de liquidez dos mesmos, laços frágeis que possibilitam uma nova modalidade de relacionamento que que o autor denomina como “relacionamento de bolso”, que encarna a instantaneidade e a disponibilidade do tipo que se pode utilizar em caso de necessidade e que depois pode ser novamente guardado; relacionamentos minimamente dosados, uma vez que em altas doses podem provocar uma intoxicação indesejada.

Sobre o relacionamento, a própria noção que se tem do termo torna-se desprovida dos aspectos que o perturbam. A busca e, ao mesmo tempo, o horror que se tem da possibilidade de um relacionamento duradouro – e que, por isso, requer certo grau de compromisso – levam as pessoas a preterir o termo em favor de outros, como é o caso das conexões, das ligações. Assim, torna-se cada vez mais usual falar em conexões, conectar-se, ser conectado a redes, “estar ligado”, e não mais relacionar-se com parceiros. Em tempos de uma sociedade cada vez mais marcada pelas conexões propiciadas pelas redes tecnológicas que criaram um novo espaço de virtualidade das conexões – o ciberespaço –, nada mais apropriado do que conectar-se. Por rede, podemos entender aquilo que serve de matriz para esses dois movimentos, o conectar e o desconectar, o ligar e o desligar, que confere um novo estatuto aos relacionamentos. De acordo com Bauman (2004), em que pese à nova dualidade desse par de opostos, em uma rede são importantes tanto as possibilidades de conexão, quanto de desconexão, não havendo uma que seja essência ou que se prepondere sobre a outra.

As conexões se configuram em relações virtuais, que, diferentemente dos ditos compromissos sólidos, são cabíveis dentro da era globalizada da internet.

A própria expressão “possibilidades românticas” deixa margem para que a conexão se faça e se desfça a qualquer momento, fazendo com que se torne mais fácil entrar e sair, ligar e desligar. Desse modo, as relações virtuais fascina porque com apenas um clique podem ser facilmente construídas e, logo depois, “sempre se pode apertar a tecla de deletar”<sup>3</sup>. Na mesma perspectiva, Lima (2014) aponta, como uma particularidade do contemporâneo, o fato de que os adolescentes, no redespertar da sexualidade, procuram seus parceiros amorosos no ciberespaço, local propício para o engajamento e o rompimento dos relacionamentos.

Se as conexões são um novo nome para os relacionamentos contemporâneos, elas se tornaram um modelo que orienta não só o campo das parcerias amorosas, como também os demais relacionamentos (Bauman, 2004). Diante desse fato, resta-nos investigar de que modo o amor se apresenta no contexto dos relacionamentos de bolso, da liquidez dos laços, do fazer-se e desfazer-se das redes de conexão.

Segundo Abagnano (2007), os sentidos do amor na linguagem comum são múltiplos, díspares e contrastantes. Esse autor seleciona como um dos vários sentidos principais do termo, o amor enquanto uma relação entre sexos, formada de maneira seletiva e eletiva e que é acompanhada de amizade e de afetos positivos mútuos e implica o compromisso recíproco. Dessa espécie de amor, ele diferencia as relações sexuais de ordem puramente sensual, não baseadas, portanto, na escolha pessoal, mas na necessidade anônima e impessoal de relações sexuais.

Diferentemente do sentido de amor exposto por Abagnano (2007), nos dias atuais, qualquer experiência pode ganhar status de amor (por exemplo: “fazer amor” é um termo atribuído para a relação sexual, independente das circunstâncias). O amor deixa de ser concebido apenas de acordo com o alto padrão filosófico – pelo qual os gregos o viram como uma força unificadora e harmonizadora, *Ágape*, a qual foi entendida com base no amor sexual, *Eros*, na

concordia política e na amizade, *Filos* – para se nivelar por outros padrões. Para Bauman (2004), o amor contemporâneo apresenta a faceta de uma vivenciada série de eventos amorosos, cujo conhecimento se dá através de episódios intensos e impactantes, mas, ao mesmo tempo curtos, e que são desencadeados pela consciência *a priori* da própria fragilidade e curta duração do “amor”. O sociólogo acrescenta:

E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço, sem suor e resultados sem esforço. (Bauman, 2007, pp. 21-22).

O amor contemporâneo se configura paradoxalmente como uma coalizão de interesses que se confluem. Tendo em vista a instantaneidade dos acontecimentos, o ir e vir das pessoas, o aparecimento e o desaparecimento de oportunidades, as relações são flutuantes, frágeis e flexíveis. O trabalho das conexões e das desconexões, que leva as pessoas em um curto período de tempo a se aproximarem e se afastarem, se funde em uma extrema e exaustiva atividade de “tecer redes” e “surfear nelas” (Bauman, 2004, p. 51). Conectar-se implica uma luta desgastante para apreender a dialética que impõe a conexão e a desconexão. Sendo assim, a procura que as pessoas têm por parceiros, por se envolverem em relacionamentos, não esconde senão uma tentativa de escapar à aflição da fragilidade. Para Bauman (2007), o engano, neste sentido, está no fato de que ao abrigo dessa fragilidade em relacionamentos construídos também sobre a fragilidade, as pessoas se tornam mais aflitas, mais angustiadas, à semelhança de uma estufa que não as protege, mas as conserva como frágeis.

As conexões e desconexões no campo do amor representam a nova forma de se relacionar no contemporâneo, propiciada e facilitada pela internet. A liquidez dos laços pode ser considerada a forma atual de se evitar o confronto com a ausência da relação sexual, com o que não para de não se escrever. O sujeito usa das ofertas da cultura para velar a impossibilidade simbólica em abordar o real; impossibilidade com a qual é confrontado na puberdade.

Os discursos contemporâneos sobre o amor são marcados por paradoxos. Apesar da multiplicidade, brevidade e fluidez dos laços amorosos atuais, constatamos em nossas pesquisas que as adolescentes continuam sonhando com a complementariedade entre os sexos. Enquanto algumas se precipitam nas experiências corpo a corpo, de forma intensa e fugaz, outras escrevem sobre o amor eterno. Em seus escritos, elas sustentam a existência da relação sexual:

*"E me completa completamente, a parte toda, o todo de toda a parte..."*



Podemos destacar os três registros no campo do amor: simbólico, imaginário e real. Se a dimensão imaginária do amor envolve uma projeção narcísica, a dimensão simbólica requer o reconhecimento da falta. O amor inacessível, distante e intocável, permite sustentar o desejo. Mas, a carta, como letra, permite ainda o acesso ao gozo da ordem do sem-sentido. Em *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*, Lacan (1971) diferencia a letra do significante, definindo-a como litoral entre o gozo e o saber (Lacan, 1971, p. 110), pois separa dois domínios que não têm nada em comum. Em *O seminário, livro 20: mais, ainda*, Lacan (1972-1973) comenta que a letra se escreve e tem acesso direto ao gozo. A escrita toma a linguagem fora do sentido. Em *Uma conversa sobre o amor* (2010), Miller destaca que, no nível do gozo como tal, não existe o Outro: no nível do gozo como tal há a Coisa, *das Ding*. A carta de amor pode ser tomada como objeto de gozo, sem o Outro. Trata-se de um gozo que advém da escrita, sem endereçamento. Assim, a carta de amor, em sua dimensão de letra, pode ser uma tentativa de apreensão do outro gozo, propriamente feminino.

### **Considerações finais: uma leitura dos escritos sobre o amor nas redes sociais de adolescentes**

Para Lacan (1972-1973), o amor cortês brilhou na história como um meteoro. Sustentado pelo discurso do mestre, ele se enraíza no discurso da fidelidade ao outro. Mas, segundo Lacan, depois do meteoro do amor cortês surge o discurso científico (Lacan, 1972-1973, p. 115). O discurso capitalista a serviço da ciência leva à obstrução da subjetividade. O velamento da falta subjetiva leva ao rechaço do amor. Diante da fluidez dos laços sociais, o discurso da fidelidade ao outro parece desprovido de sentido. Será que existe uma descrença no amor hoje?

Se toda cultura, com as suas vestimentas, busca velar o núcleo traumático real que resiste à simbolização, na pós-modernidade, a diferença sexual é escamoteada através da oferta de uma multiplicidade de modalidades sexuais. Qualquer tentativa de se anular a diferença sexual se mostra, entretanto, infrutífera. Independentemente da infinidade de tipos e modalidades sexuais ofertadas pela cultura, existem apenas dois modos de recuperação de gozo pelo ser falante, um

que se submete ao significante fálico e o outro que se situa por fora do domínio da linguagem. Há um impossível a simbolizar, inerente a todo ser falante, que é a diferença sexual.

No encontro com o real do sexo, o adolescente é confrontado com a diferença sexual, com o impossível de simbolizar. Ele pode tentar anular essa diferença de várias formas. Uma das maneiras de evitar confrontar-se com a diferença sexual é sustentando a crença no amor como forma de fazer Um. Mais do que colocar obstáculos para promover o valor do objeto, trata-se de promover o amor como forma de velar a ausência da relação sexual. Independentemente do contexto histórico e cultural no qual o adolescente se encontra, o amor pode ser uma tentativa de não se haver com o que faz furo no real, como ilustram as frases de adolescentes em seus blogs: "Eu te amo de todas as formas, de todos os jeitos possíveis...", "Você me completa, é minha cara metade, pena que não sabe...", "Eu te amo no silêncio, já que não posso te dizer...".

Vivemos o declínio dos ideais. Há uma descrença nos semblantes que até então sustentavam as diferenças no mundo, como no campo do amor, das relações entre os parceiros e dos gêneros sexuais, o que aumenta a sensação de instabilidade e insegurança, remetendo o ser falante ao desamparo primordial.

"A natureza do discurso é a de ser um semblante, uma defesa contra o real" (Santos & Lopes, 2013, p. 326). Nesta época caracterizada por uma vacilação dos semblantes, ou seja, por uma fragilidade das ficções que incide em todos os campos da vida, subsiste a crença no amor. Lacan nos leva a compreender que o amor não é apenas um fato cultural, mas uma exigência subjetiva. O rechaço do amor promovido pelo discurso capitalista não consegue extingui-lo. Os objetos de consumo não suprem completamente a falta constitutiva da subjetividade. Para Caldas (2010), o discurso amoroso surge e se amplifica para justificar a necessidade lógica do amor, para explicar a causa enigmática que une os amantes e os enlaça. O discurso amoroso surge do encontro do sujeito com o que causou seu desejo e mobilizou o seu gozo.

Assim, os escritos na internet tanto evidenciam a importância do amor quanto apontam as contradições presentes nos discursos contemporâneos. Por um lado, uma descrença nos relacionamentos estáveis; por outro, a tentativa de encontrar a cara metade. Ao mesmo tempo em que se busca desesperadamente um relacionamento duradouro, os envolvidos não querem assumir as responsabilidades que sejam difíceis de suportar.

A sociedade não caminha numa única direção, mas numa rede de múltiplas direções, com suas divergências. Nos textos publicados no ambiente virtual, as jovens expõem as contradições e os equívocos presentes nos discursos atuais sobre o feminino e sobre o amor. Muitas vezes, em um mesmo texto, o discurso machista convive com o feminista: "Pare de ser vadia. Homem gosta de mulher", "Não estou te esperando, a fila anda...", "Não preciso de um namorado pra ser feliz... convivo bem comigo".

A leitura dos escritos sobre feminilidade nas redes sociais de adolescentes do sexo feminino nos mostrou que, ao tentar construir uma identidade supostamente feminina, as jovens se utilizam tanto dos semblantes de virilidade e força tradicionalmente associados à masculinidade,

quanto dos semblantes tradicionalmente vinculados à feminilidade, tais como a virgindade, a passividade e a inibição da sexualidade. A defesa dos vínculos amorosos instáveis e fluidos convive com a esperança do encontro com o amor-paixão que deverá se eternizar, como escreve uma adolescente: "Quem nunca viu um filme de romance e quis ser feliz para sempre?". A idealização dos homens convive com o seu desprezo, a supervalorização do amor divide espaço com o seu rechaço, como afirma a adolescente: "... quem vive de amor é dono de motel".

Concluimos que é possível localizar, em vários escritos de adolescentes, algumas características do amor cortês. No trovadorismo, havia uma submissão do homem à dama. A mulher amada era idealizada, inacessível, intocável e distante. O objeto de amor deveria ser tão sublime quanto o próprio amor. Diferentemente dos escritos dos trovadores, nos textos pesquisados são as mulheres que escrevem sobre o amor ideal. O amado é sempre distante, porque não foi encontrado ou porque se foi, ou seja, existe um obstáculo, situado no parceiro, que impede o encontro amoroso. O que aproxima estes escritos do amor-cortês é a não correspondência amorosa, sendo o objeto amado, inacessível e o amor, impossível de se realizar. Trata-se de um amor que se dirige a algo que está além do objeto. O amor, mais do que o amado, é idealizado. As adolescentes "amam o amor":

Alguém me dá um comprimido? Talvez dois. Talvez mil. Um milhão. Algo que me faça dormir. Feito pedra. Mesmo que a casa esteja pegando fogo hoje eu não tô com vontade de acordar. De levantar. De refletir. Analisar. Pensar. Raciocinar. Não quero colocar a cara para fora. Quero fechar as portas, janelas, vidros, portões. Um comprimidinho apenas. Pra adormecer. Esquecer. Me perder. Difícil não sentir. Não lembrar. Não recordar. Não procurar fotos. Nem nada que me faça voltar no tempo e conseguir visualizar a nossa felicidade. Aconteceu tudo muito rápido, que nem miojo. Três minutos. Felicidade. Uma eternidade. Hoje resta a saudade.

A leitura dos textos nos mostrou que muitas adolescentes escrevem sobre o amor no tempo do despertar da puberdade, preliminar ao encontro com o outro sexo. Assim, essas cartas de amor contemporâneas lançadas no espaço virtual permitem adiar o encontro com o outro sexo. Nesse *des-encontro* amoroso, evita-se o confronto com a ausência da relação sexual, já que a impossibilidade, ao invés de ser inerente à estrutura da linguagem, passa a ser consequência de algum obstáculo localizado, geralmente, no amado. O amor é um recurso do sujeito para sustentar a crença na complementariedade entre os sexos. Ao colocar o outro em condição de inacessibilidade, o sujeito é protegido do embate com o real. Mas, existem adolescentes que não adiam o encontro com o parceiro. Ao contrário, vivem as experiências amorosas com a rapidez, fluidez e a multiplicidade próprias da nossa cultura. A cultura do amor fluido apresenta um paradoxo. Ela faz crer que, diante da multiplicidade de experiências, o sujeito tem maiores chances de encontrar aquele que o satisfará plenamente. O sujeito alimenta a esperança de que o próximo



relacionamento será mais fácil e melhor, sustentando uma frenética rotatividade, própria à sociedade de consumo.

Apesar de fazerem um elogio ao amor, as adolescentes estão frequentemente depreciando os homens em seus textos. Os significantes: "infantil", "fraco", "não sabe o que quer", aparecem constantemente para defini-los. As queixas frequentes com relação aos parceiros denunciam uma insatisfação que, ao invés de remetê-las à impossibilidade de satisfação plena, só sustentam a crença em um Outro não submetido à castração. Ou seja, se os homens são desvalorizados é porque existe um ideal de homem diante do qual todos os outros estão aquém. Como no discurso histérico, a adolescente, por vezes, promove alguém à condição de mestre idealizado, para em seguida destituí-lo desse lugar. Um novo mestre deve ocupar o lugar que foi desocupado. Nesse movimento, ela localiza a falta no Outro, encobrindo a castração e sustentando a crença de que é possível escrever a relação sexual. A idealização do amor vela a dimensão traumática do confronto com o real que resiste à simbolização. Se as queixas com relação aos parceiros não são atuais, elas parecem ganhar força numa época de vacilação dos semblantes identitários, quando não se sabe mais o que esperar de um homem ou de uma mulher.

O amor cortês pode desempenhar diferentes funções para as adolescentes. Para além da dimensão imaginária do amor-paixão, que envolve uma projeção narcísica, existe a vertente simbólica do amor como dom. Numa época em que os objetos de consumo são utilizados pelas jovens como uma tentativa de suprir a falta a ter, a demanda de amor dirigida ao Outro denuncia a falta que o objeto não é capaz de tamponar. O amor inacessível do amor-cortês pode cumprir a função de estruturar o desejo, já que amar é dar o que não se tem (Lacan, 1960-1961). As adolescentes cultivam o amor, na sua impossibilidade, sustentando assim o desejo. É o que bem descreve uma jovem: "Esse amor que me faz falta e que não alcanço com você...", "A perda do amor não nos fortalece, mas mostra a nossa fragilidade".

Os escritos de amor também podem ser remetidos à função de letra, como "a borda do furo no saber" (Lacan, 1971, p. 109). Uma escrita poética pode bordejar o furo deixado pela inexistência da relação sexual. Nesse teclar constante e, ao mesmo tempo, angustiante da escrita de amor, parece haver um gozo da ordem do puro escrito, sem demanda endereçada ao Outro. Ou seja, um escrito que não se sustenta na esperança de obter o amor do Outro, como uma tentativa de fisgar o que a palavra não alcança, um gozo da ordem do sem-sentido, despertado na puberdade: "O que eu sinto não tem explicação, é tão forte e enlouquecedor, me persegue e não controlo, será que é amor?".

## Notas

<sup>1</sup> O presente artigo se originou da pesquisa: "Adolescência e contemporaneidade: a construção do feminino nas redes sociais da internet", coordenada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nádia Laguárdia de Lima e realizada com o apoio do Programa de Auxílio à Pesquisa de Doutores Recém-Contratados da Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, concluída em julho de 2014.

<sup>2</sup> A flecha indica a direção da mensagem e, ao mesmo tempo, o sentido da relação sincrônica entre os dois lugares. Há uma irredutibilidade entre a verdade e a produção.

<sup>3</sup> Aqui fazemos referência a uma fala de um jovem universitário de 28 anos, entrevistado sobre a crescente popularidade do namoro pela internet, citado por Bauman (2004, p. 13).

### Referências bibliográficas

- Abagnano, N. (2007). *Dicionário de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Alberti, S. (2004). *O adolescente e o Outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Caldas, H. (2010, ago.-dez.). O delírio no cotidiano do amor. *Latusa Digital*, 7(42-43). Recuperado de [http://www.latusa.com.br/pdfs/pdf\\_latusa\\_digital\\_42\\_43\\_a2.pdf](http://www.latusa.com.br/pdfs/pdf_latusa_digital_42_43_a2.pdf).
- Coelho dos Santos, T & LOPES, R. G. (2013). *Psicanálise, Ciência e Discurso*. Rio de Janeiro: Cia de Freud.
- Ferreira, N. (2004). *A teoria do amor na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 118-228). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1905).
- Fuentes, M. J. S. (2012). *As mulheres e seus nomes*. Belo Horizonte: Scriptum.
- HolK, A. L. (2006). As eróticas lacanianas e a inexistência do outro. *Ágora: estudos em teoria psicanalítica*, 9(2), 225-240. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-14982006000200005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-14982006000200005&script=sci_arttext).
- Lacadée, P. (2011). *O despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência*. Rio de Janeiro: ContraCapa.
- Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1956-1957).
- Lacan, J. (1997). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1959-1960).
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1960-1961).
- Lacan, J. (1991). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1969-1970).
- Lacan, J. (2009). *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1971).
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1972-1973).
- Lacan, J. (2003). Radiofonia. *Outros escritos* (pp. 400-447). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1970).
- Lacan, J. (1988). La tercera. *Intervenciones y textos 2* (pp. 73-108). Buenos Aires: Manantial (Trabalho original publicado em 1974).

**Lacan, J. (1978). Du discours psychanalytique. *Lacan en Italia 1953-1978* (pp. 32-55).**

**Milão: La Salamandra.**

Lima, N. L. de (2014). *A escrita virtual na adolescência: uma leitura psicanalítica*. Belo Horizonte: UFMG.

Miller, J.-A. (2003, ago.). Uma partilha sexual. *Revista Clique* (pp. 12-29). Belo Horizonte: Instituto de Saúde Mental de Minas Gerais (Trabalho original publicado em 1997-1998).

Miller, J.-A. (1998). O osso de uma análise. *Revista Agente* (pp. 40-46). Salvador: EBP.

Miller, J.-A. (2010, jul.). Uma conversa sobre o amor. *Opção Lacaniana Online*, 1(2). Recuperado de [http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_2/Uma\\_conversa\\_sobre\\_o\\_amor.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_2/Uma_conversa_sobre_o_amor.pdf).

Miller, J.-A. (2001). Una nueva modalidad del síntoma. *Virtualia*, (1). Recuperado de <http://www.eol.org.ar/virtualia/>.

Miller, J.-A. (2005). *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós.

Musil, R. (2006). *O homem sem qualidades*. Nova Front-Sinergia.

Pavón, H. (2011, jan.). La pregunta de la época es qué vas a hacer hoy para gozar más? Entrevista a Eric Laurent. Recuperado de [http://www.clarin.com/sociedad/pregunta-epoca-vas-hacer-gozar\\_0\\_406759351.html](http://www.clarin.com/sociedad/pregunta-epoca-vas-hacer-gozar_0_406759351.html).

Pinheiro Gonçalves, L. (2000). *O discurso capitalista. Uma montagem em curto-circuito*. Rio de Janeiro: Via Lettera.

Sarué, S. (1994). Saber e puberdade. *Revista Letra freudiana: a criança e o saber*, 17(23), 106-109. Rio de Janeiro: Revinter. Recuperado de <http://www.escolaletrafreudiana.com.br/UserFiles/110/File/artigos/letra23/020.pdf>.

Schejtman, F. (2006). Histeria y capitalismo. *La trama del síntoma y el inconsciente* (pp. 162-179). Buenos Aires: Del Bucle.

Smith, A. (2009). *Teoria dos sentimentos morais*. Rio de Janeiro: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1759).

Stevens, A. (2004, nov.). Adolescência, sintoma da puberdade. *Revista Curinga*, (20), 27-39. Belo Horizonte: EBP.

Teixeira, A. (2011). A bibliofilia contra a bibliometria. *Tempo psicanalítico*, 43(2), 341-354. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v43n2/v43n2a06.pdf>.

Vinciguerra, R.-P. (2008). Marx não sem Lacan. *Latusa*, (13), 95-106. Rio de Janeiro: EBP.

**Citação/Citation:** De Lima, N. L. et al. (mai. a out. 2014). As manifestações do amor cortês em tempos de relacionamento virtual. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 9(18), 17-35. Disponível em [www.isepol.com/asephallus](http://www.isepol.com/asephallus). doi: 10.17852/1809-709xv9n18p17-35.

**Editor do artigo:** Tania Coelho dos Santos.

**Recebido/Received:** 24/11/2013 / 11/24/2013.

**Aceito/Accepted:** 18/12/2013 / 12/18/2013.

**Copyright:** © 2013 Associação Núcleo Sefhora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.